

ÍNDICE

EDITORIAL	5
-----------------	---

PINHARANDA GOMES: O NOSSO TRIBUTO

Textos e Testemunhos de Renato Epifânio (p. 8), António Braz Teixeira (p. 10), António Cândido Franco (p. 12), António Leite da Costa (p. 12), Artur Manso (p. 14), Elísio Gala (p. 15) J. A. Alves Ambrósio (p. 16), José Almeida (p. 20), José Eduardo Franco e José Maria Silva Rosa (p. 22), José Esteves Pereira (p. 24), Luís de Barreiros Tavares (p. 31), Luís Lóia (p. 37), Maria de Lourdes Sirgado Ganho (p. 38), Miguel Real (p. 39), Paulo Samuel (p. 40), Pedro Vistas (p. 43), Samuel Dimas (p. 45) e Marcelo Rebelo de Sousa (p. 48).

ORLANDO VITORINO: OBRA E PENSAMENTO

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DE ORLANDO VITORINO António Braz Teixeira	50
ORLANDO VITORINO NO 57 Artur Manso	57
ORLANDO VITORINO, PERSONAGEM E PERSONALIDADE ENTRE TEATRO E FILOSOFIA Carlos Aurélio	64
O SER ILUSÓRIO (REFLEXÕES QUASI-HEIDEGGERIANAS EM TORNO DA 1ª TESE DA FILOSOFIA PORTUGUESA DE ORLANDO VITORINO) César Tomé	72
ESCOLA DE FILOSOFIA PORTUGUESA: A AUTOGNOSE SEGUNDO ORLANDO VITORINO Francisco Moraes Sarmento	78
ORLANDO VITORINO, FILOSOFIA EM ACTO João Luís Ferreira	82
A FILOSOFIA, PARA ORLANDO VITORINO: UMA «ILHA» OU UMA «ESCOLA FORMAL»? João Seabra Botelho	91
ORLANDO <i>CONTRA MUNDUM</i> : UM PENSADOR NO PORTUGAL DOS ANOS 70 E 80 Jorge de Morais	99
O MAL NO PENSAMENTO DE ORLANDO VITORINO Maria de Lourdes Sirgado Ganho	103
ORLANDO VITORINO: “ENTRE O PENSAMENTO PORTUGUÊS E O PENSAMENTO ALEMÃO, ENTRE LEONARDO E HEIDEGGER” Renato Epifânio	105
A CISÃO DO UNO NO MÚLTIPLO NA METAFÍSICA DO ESPÍRITO DE ORLANDO VITORINO Samuel Dimas	108

OUTRAS EVO(O)CAÇÕES:

ADOLFO BÉCQUER Luís Garcia Soto	114
AFONSO BOTELHO Álvaro Costa de Matos	121
AGOSTINHO DA SILVA Delmar Domingos de Carvalho	125
AGUSTINA BESSA-LUÍS António José Queiroz	127
DELFIN SANTOS Joaquim Pinto	132
D. DUARTE DE ALMEIDA José Almeida	138
FIDELINO DE FIGUEIREDO José Lança-Coelho	140
GUERRA JUNQUEIRO Lídia Machado dos Santos	141
JOEL SERRÃO António Braz Teixeira	146
JOSÉ HERMANO SARAIVA Miguel Pedrosa Machado	153
SOPHIA DE MELLO BREYNER Maria José Leal	153
TIAGO ADÃO LARA José Maurício de Carvalho	159

OUTROS VOOS

TIMOR Adriano Moreira.....	162
“O CAMINHO DA SERPENTE”: HERMETISMO PESSOANO E NOVOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES Luiza Nóbrega.....	164
O DELFIM, DE JOSÉ CARDOSO PIRES: UM ROMANCE METAFÓRICO E CINEMATOGRAFICO Paula Oleiro	173
QUATRO DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS Renato Epifânio.....	185
AUTOBIOGRAFIA 7 (CONTINUAÇÃO) Samuel Dimas.....	187

EXTRAVOO

VIDA CONVERSÁVEL – SEGUNDA PARTE (CONCLUSÃO) Agostinho da Silva.....	202
BOAVIDA PORTUGAL – INQUÉRITO LITERÁRIO Pinharanda Gomes.....	267

BIBLIÁGUIO

OBRAS PUBLICADAS NO ÚLTIMO ANO Renato Epifânio	278
--	-----

POEMÁGUIO

JESUÉ PINHARANDA GOMES Jesus Carlos	6
PINHARANDA Renato Epifânio	6
EM LOUVOR DO AMIGO PINHARANDA GOMES Delmar Domingos de Carvalho	6
POEMA A PINHARANDA Pedro F. Correia.....	7
HATHOR António José Borges	161
HEXÂMETRO DO MAR Jaime Otelo.....	161
SETE POEMAS A SOPHIA & SOBRE O “LIVRO SEXTO” Manoel Tavares Rodrigues-Leal	276-7

MEMORIÁGUIO.....

280

MAPIÁGUIO

281

ASSINATURAS.....

281

COLECÇÃO NOVA ÁGUIA

284

Renato Epifânio

I – PRESENÇA DE PINHARANDA GOMES NA REVISTA NOVA ÁGUIA

É surpreendente mas não espanta. É, de resto, um muito significativo sinal dos tempos em que vivemos: não era fácil, mesmo nada fácil, encontrar textos de Pinharanda Gomes nos nossos periódicos (onde deveria ser um autor de referência), mesmo naqueles de cariz mais cultural. Nestes, a exceção mais evidente tem sido a *Nova Águia: Revista de Cultura para o Século XXI*, onde, muito naturalmente, Pinharanda Gomes publicou em todos os números, como aqui iremos recordar, em jeito de agradecimento e de homenagem: apenas a Pinharanda Gomes; não à *Nova Águia* (esta faz apenas a sua obrigação: dar a palavra aos melhores de nós, no plano filosófico e cultural). Essa colaboração começou logo no primeiro número, que teve como tema “A Ideia de Pátria: sua actualidade”, para o qual Pinharanda Gomes enviou um texto intitulado “Anamnese da Ideia de Pátria” onde, muito pertinentemente, esclarece o sentido maior dessa Ideia.

Nos números seguintes, manteve Pinharanda Gomes a sua valiosa colaboração sobre as temáticas propostas. Assim, a respeito do Padre António Vieira, por ocasião dos quatrocentos anos do seu nascimento, salientou a sua “Arte de Pregar”, que “obriga o orador a dominar os princípios das artes e das ciências”, já que, como refere, citando o próprio Vieira, “o pregador há-de saber de tudo” (pp. 24-25). Assim no número dedicado ao Poeta Teixeira de Pascoaes, num texto que abre a revista (“Pascoaes e a Alma da Europa”) e onde, mesmo no seu *terminus*, escreve: «Nessa política circunstanciada de um europeísmo funcionário, ecoa ainda o clamor do poeta, em palavra sã e mãos limpas: “Eu não visiono um Portugal isolado, um Portugal no meio do deserto. Eu quero ver a minha Pátria em consonância com as outras Nações, mas revelando a sua presença inconfundível”» (p. 13). Assim no número dedicado ao centenário da Revista *A Águia*, onde reafirma “a Esperança num mundo novo, em cujo horizonte *A Águia* voe em liberdade, na verdade, fora das trevas” (p. 57). Assim no número dedicado ao “Pensamento da

Cultura de Língua Portuguesa”, onde evocou os seus dois maiores mestres, Álvaro Ribeiro e José Marinho (“Álvaro Ribeiro: a filosofia como arte”, pp. 105-115; “A tertúlia de Álvaro Ribeiro e José Marinho”, pp. 117-125). Assim no décimo número da *Nova Águia*, onde homenageou outros dois mestres maiores do nosso pensamento: Leonardo Coimbra e Dalila Pereira da Costa (“No 1º Centenário de ‘O Criacionismo’”, pp. 8-21; “Breve Saudade para Dalila”, pp. 66-70).

Não só, porém, sobre os temas maiores Pinharanda Gomes nos tem feito chegar a sua colaboração. Desde o primeiro número tem uma rubrica própria e, nesta, tem abordado os mais diversos temas e autores: “Às voltas com o Latim”, “Pela criação da Hemeroteca Portuguesa”, “Uma Bibliografia Filosófica” (nº 1); “Nuno Álvares Pereira”, “José Eduardo Franco” (nº 2); “A destruição do Património”, “Memória de João Duns Escoto”, “Para a Biografia de Cunha Seixas” (nº 3); “Franciscanos”, “A Educação de um Príncipe”, “José Franco e Rosa Ramalho ou a Arte Popular da Cerâmica” (nº 4); “No apogeu da iliteracia”, “O combóio espanhol e Hans Christian Andersen”, “Os minaretes e os campanários”, “À memória de Manuel Barbosa da Costa Freitas” (nº 5); “Os malefícios das homonímias”, “Católicos faz de conta”, “A reflexão de um romancista perante o Padre Manuel Antunes”, “Guerra Junqueiro”, “Teoria do Ser e da Verdade”, “A Via Lusófona”, “Couto Viana” (nº 6); “Lusitânia ante a Ibéria”, “As palavras, carne do *logos*” (nº 7); “A Constituição da 1ª República” (nº 8); “Paiva Couceiro, Condestável da Pátria” (nº 9); “A Livraria *Portugal*”, “Benzion Netanyahu”, “José de Melo”, “Ecos de Abril”, “Iberismos” (nº 10), “A Herança Judaica” e “Para a Biografia de um Companheiro de Pessoa” (nº 11), “Sobre o Parlamento”, “Amadeo de Souza-Cardoso” e “A Religião, um veículo da Lusofonia” e “Espanhol, el português mal amañado” (nº 12); “No 50.º Aniversário da Morte de Raul Leal” e “A estátua de Nuno de Santa Maria em Lisboa” (nº 13); “Culto, Cultura e Liturgia”, “O novo ermamento”, “Democratas descalços” e “Natércia Freire” (nº 14); “José Pedro Machado: Cultura, Vida e Lusofonia” e “Nuno de Montemor” (nº 15); “O Tesouro da Póvoa de

Santo Adrião”, “Si vis pacem, para bellum”, “A Renascença Agrícola”, “Lusofobia”, “Analogismos” e “Acerca da moléstia do Euísmo” (nº 16). Uma série que, entretanto, se prolongou a 2020, ao vigésimo quarto número – destacamos aqui os seguintes ensaios (não referindo outro tipo de contributos, como, nomeadamente, resenhas): “A campanha de António Quadros pela Filosofia Portuguesa” (nº 12); “Ao Encontro de Teixeira Rego” (nº 13); “António Alberto Banha de Andrade: uma Obra a favor da Filosofia Portuguesa” (nº 15); “O «57» no signo de Bruno” (nº 16); “Leonardo Coimbra: revisão dos dias 23 e 24 de Dezembro de 1935” (nº 17); “A Renascença Portuguesa e a Seara Nova” (nº 18); “Afonso Botelho, D. Duarte e a Saudade” (nº 19); “Padre Ângelo Alves, Portuense Ilustre” e “Manuel Ferreira Patrício: A Escola Cultural” (nº 20); “Que livro é o *retiro espiritual* mencionado por Camilo em *O Bem e o Mal?*” (nº 21); “Lembrança de uma Tese de Dalila Pereira da Costa (nº 22)”; “Manuel António Ferreira Deusdado (1858-1918): Filosofia, História e Educação” (nº 23); “Na companhia de João Bigotte Chorão” e “À memória de Afonso Botelho” (nº 24) –, para gaúdio de todos os seus fiéis leitores. E para o enriquecimento da cultura de todos nós: Pinharanda Gomes era uma pessoa invulgarmente culta, com um acervo informativo quase sem par entre nós, o que era tanto mais meritório porquanto, como se sabe, a sua vida nunca foi fácil. Por tudo isso, a sua colaboração foi sempre para nós um privilégio e uma honra. Gratos por tudo, Pinharanda: na *Nova Águia*, jamais te iremos esquecer!

II – CARTA A PINHARANDA GOMES, NO DIA DA SUA MORTE

Caríssimo Pinharanda

Recebi há pouco a notícia da tua morte. Apesar de não ter sido inesperada, ainda não a digeri. Lembro-me apenas da nossa última conversa, onde combinámos, a 7 de Outubro, comemorar, com todos os teus Amigos (e são muitos, como sabes), o teu octogésimo aniversário.

Sei que estes últimos meses foram penosos. Ainda tenho presente quando, no início do ano,

me disseste que, por razões de saúde, não irias a mais nenhum evento público. Mas foste recuperando e estiveste presente, no dia 10 de Maio, na Homenagem a João Bigotte Chorão, decerto um dos teus Amigos maiores. E, mais recentemente, no Porto, a 25 de Junho, para lançares mais um livro teu: *Leonardina – Estudos acerca de Leonardo Coimbra*.

Por falar em livros: sei que ainda viste, na cama do hospital, o Livro que resultou do II Festival Literário *Tabula Rasa*, onde recebeste, em 2017, o mais do que merecido Prémio “Vida e Obra”, sucedendo ao teu conterrâneo Eduardo Lourenço. E quanto ao teu outro livro *Álvaro Ribeiro: Mestre da Arte de Filosofar*, fica tranquilo: o Elísio Gala está ainda a fazer a revisão final, mas lançá-lo-emos no dia 7 de Outubro. Fica, desde já, combinado.

Já não me lembro de todo da primeira vez que nos cruzámos. Eu já te conhecia antes, enquanto Autor, apesar de, na Universidade, ainda hoje seres um nome incómodo, o que sempre te fez sorrir. Mas até nesse plano houve um justo reconhecimento final, com a atribuição do *Doutoramento Honoris Causa* no ano passado, na Universidade da Beira Interior. Fico feliz por teres tido ainda esse reconhecimento, apesar de saber que não ligavas mesmo nada a esses títulos. Costumo dizer que a humildade é uma virtude suspeita até prova em contrário: ora, tu sempre foste uma das provas maiores em contrário que conheci.

Escusado será aqui recordar-te tudo o que te devemos: não apenas enquanto Historiador mas, acima de tudo, enquanto Filósofo. Nesse plano, as nossas afinidades e cumplicidades sempre foram imensamente maiores do que as nossas diferenças. Sempre nos uniu esse amplo e profundíssimo amor à nossa Língua, História e Cultura. Por isso, quando tive que partilhar a notícia da tua morte com os teus Amigos, escrevi apenas: “A Pátria Lusófona está de luto: Pinharanda Gomes (16.07.1939 – 27.07.2019)”. Não consegui dizer que morreste... Até dia 7!

III – QUATRO BREVES MEMÓRIAS DE PINHARANDA GOMES

1. Foi, tanto quanto me lembro, a primeira impressão que tive de Pinharanda Gomes: face a

D. DUARTE DE ALMEIDA: O EXEMPLO DO HERÓI SOLAR ENTRE O NEVOEIRO DE TORO

José Almeida

Um mundo individualista como o de hoje, mentalmente colonizado pelas “auto-determinações”, pautado pela comodidade e frivolidade do consumismo, parece esquecer-se das virtudes edificantes análogas aos princípios da heroicidade. A inversão dos valores e dos princípios, a corrupção do corpo, alma e espírito, pesam sobre o Homem, condenando-o a tornar-se num pálido reflexo dos seus ancestrais. O herói torna-se traidor, o traidor torna-se herói. O santo torna-se assassino, o assassino torna-se santo. Um santo patrono dos assassinos.

Quando confrontados com a História e até com os mitos que a ela subjazem, os nossos contemporâneos sentem-se esmagados pelo peso do exemplo, envergonhados pela própria queda ou precipitação na decadência. É, precisamente, essa vergonha que leva alguns à glorificação dos princípios motores da degenerescência bem como à guerra contra os valores fundacionais da nossa tradição e civilização, ou seja, os reis do nigredo procuram tornar-se “reis do mundo”. Trata-se de um nivelamento por baixo, com recurso ao paradigma moderno e aos dogmas do seu falso deus da igualdade.

Habitualmente, perante a proximidade ameaçadora da morte, o instinto de sobrevivência física sobrepõe-se à razão e a outras matérias do espírito. Uma reacção natural do ser humano quando confrontado com a ameaça do fim. Por esse motivo são tão admiráveis os esforços exemplares de todos aqueles que afrontam a sua efêmera natureza e existência, em glorificação ou até sacrifício em honra de um bem comum.

Guerra Junqueiro dividia os homens superiores em três planos: herói, sábio e santo. Três categorias dialogantes que permitem forjar uma aura

mitificante em torno das grandes personalidades que encarnam os princípios basilares das figuras ou agentes arquetípicos do inconsciente colectivo das comunidades humanas. Para além das suas implicações nos domínios do Sagrado e do espírito, a cosmologia solar desempenha aqui um papel simbólico e definitivo.

O Solstício de Inverno marca, contrariamente ao de Verão, um triunfo da Luz sobre as trevas. A inversão da roda solar resgata-nos dos domínios saturninos da alma humana, um facto ao qual nenhuma tradição religiosa fica indiferente, seja ela natural, ou revelada. Nietzsche associaria este momento ao regresso de Apolo; Jung ao triunfo do Cristo ariano. Em resumo, o triunfo do Sol invencível.

A sagrada linhagem da monarquia portuguesa incorpora todos estes pressupostos, em particular, as dinastias Afonsina, Avis e Avis-Beja. Aos monarcas, infantes, nobres e infâncias, juntam-se os homens comuns que, lutando no anonimato da sua existência, tombaram no campo de batalha, sagrando a terra com o seu sangue quente. Desde o nosso pai-fundador ao lendário Martim Moniz, de D. Nuno Álvares Pereira ao Infante Santo, ou de D. Francisco de Almeida a Afonso de Albuquerque, indo desembocar no sacrifício sacro-teleológico do Desejado, muitas foram as figuras que, irrompendo das trevas, desafiaram a vida e a morte em nome de algo maior e Sagrado: a Fé em Deus, o dever para com a Pátria e o amor para com o Povo e suas gentes.

D. Duarte de Almeida, alferes-mor de D. Afonso V durante a Batalha de Toro, foi uma dessas muitas figuras solares que integram a nossa História e cujos feitos, ou exemplos, os imortalizam, tornando-os mito e símbolo de uma espiritualidade pátria. Nascido em Vila Pouca de Aguiar,



Estudo final para a pintura a fresco intitulada “O Decegado” (1969), da autoria de Jaime Martins Barata.

em Trás-os-Montes, em inícios do século XV, fez parte de uma família que há muito servia a coroa Portuguesa e os interesses militares de Portugal. A sua educação terá, por certo, pesado nos momentos altos de uma vida que encontrou o seu corolário no dia 1 de Março de 1476.

Nessa data, travou-se em Castela uma das mais inusitadas batalhas entre portugueses e castelhanos. D. Afonso V, protegendo os interesses da sua sobrinha, protagonizou um dos vários episódios em que a coroa portuguesa aspirou ao sempre tentador domínio sobre a união das coroas ibéricas.

Era um dia de nevoeiro e combatia-se de forma aguerrida. Até o Infante D. João, futuro D. João II, lutava, corajosamente, entre os seus homens. Um momento de desorientação resultante da reduzida visibilidade no campo de batalha levou a que um ataque concertado dos castelhanos deixasse o pavilhão real português exposto. Perante a oportunidade de derrubar o estandarte português, confiado a D. Duarte de Almeida, os espanhóis concentraram todos os seus esforços no ataque a esse cavaleiro. Rodeando-o, procuraram derrubá-lo para lhe tomarem a relíquia sagrada que protegia. Envolto pelas lanças inimigas, defendeu a bandeira portuguesa com heróica bravura. Um golpe inimigo cortou-lhe a mão direita. Indiferente à dor, segurou estoicamente o sagrado estandarte com a mão esquerda que acabaram também por lhe decepar.

Determinado em proteger a bandeira que jurou defender com a sua vida, honra e fiel lealdade, procurou mantê-la erguida, segurando-a entre os braços, com a ajuda dos seus dentes.

Resistindo de forma heróica contra as investidas castelhanas, D. Duarte de Almeida acabou por cair por terra, inanimado. Contudo, não seria por sua culpa que a batalha se traduziria numa derrota. Entre as fileiras portuguesas, outros homens de igual bravura e com o mesmo espírito de abnegação tomaram o lugar do camarada caído. Gonçalo Pires foi outro desses portugueses que, nesse dia, conquistou o respeito de todos no campo de batalha, após conseguir reconquistar o estandarte português tomado pelos castelhanos. Portugal retomou as rédeas da contenda e voltou a superiorizar-se perante os exércitos antagonistas. O desfecho da Batalha de Toro continua hoje a ser um mistério entre os estudiosos da História Militar. Porém, ditou o destino que os feitos e conquistas desse dia estivessem para lá das glórias alcançadas em honra de Marte.

Conforme defenderam Thomas Carlyle e Álvaro Ribeiro, admirar os exemplos excelsos e superiores revela uma inteligência e boa-formação moral. Talvez por esse mesmíssimo princípio ou, simplesmente, marcados pelos valores do seu tempo, os inimigos castelhanos souberam admirar a grandeza do gesto heróico de D. Duarte de Almeida. O seu corpo moribundo foi recolhido

SEGUNDO SEMESTRE DE 2019



17 DE JULHO, no Instituto Cervantes:
Lançamento do Livro MIL
O krausismo ibérico e latino-americano.



19 DE JULHO, no Salão Nobre da Junta de Freguesia de Fátima: Apresentação do Livro *Tabula Rasa II* e do Programa *Tabula Rasa III*.



28 DE SETEMBRO, no Palacete Viscondes de Balsemão (Porto): Lançamento de *A Via Lusófona IV*.



4 DE OUTUBRO, na Biblioteca Eduardo Lourenço (Guarda): Colóquio de Homenagem a Miguel Real.



7 DE OUTUBRO, no Palácio da Independência: Celebração dos 80 anos de Pinharanda Gomes.



18 DE OUTUBRO, no Palácio da Independência: Lançamento da *Nova Águia* nº 24, no Encerramento do Colóquio “Orlando Vitorino: Obra e Pensamento”.



26 DE OUTUBRO, no Palácio da Independência: Entrega do Prémio MIL Personalidade Lusófona a Manuel Pinto da Costa, Ex-Presidente de São Tomé e Príncipe.



21 DE NOVEMBRO, em Portalegre: Abertura do 1º Congresso “Turismo Cultural, Lusofonia e Cooperação”.



27 DE NOVEMBRO, na Casa de Angola: Encerramento do VI Congresso da Cidadania Lusófona.



28 DE NOVEMBRO, em Fátima: Abertura do III Festival TABULA RASA.